

## HISTÓRIA DIGITAL E O OFÍCIO DO HISTORIADOR: MODOS DE SER E FAZER NO REPOSITÓRIO DA REVISTA *POUR L'ÈRE NOUVELLE*

R. L. PIRES<sup>1</sup>, S. R. M. AMORIM<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro<sup>1</sup>, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte<sup>2</sup>

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0588-1615><sup>1</sup>

[rlopes.pires@gmail.com](mailto:rlopes.pires@gmail.com)<sup>1</sup>

Submetido 17/12/2020 - Aceito 03/09/2021

DOI: 10.15628/holos.2021.11773

### RESUMO

Compreender o ofício do historiador ao trabalhar com fontes históricas digitalizadas e repositórios digitais, constitui o horizonte desta pesquisa. A investigação situa-se no entrecruzamento dos campos da História da Educação e História Digital, produzindo reflexões a respeito das principais transformações e desafios enfrentados, tanto na produção do conhecimento, como na prática investigativa da ciência histórica. A discussão respalda-se teórico e metodologicamente na literatura sobre fontes históricas digitalizadas (Chartier, 2002; Brasil & Nascimento, 2020), assim como em autores que

tratam acerca da importância de criação e manutenção de repositórios digitais (Bica, Rodrigues & Gervasio, 2019; Andrade, 2017). Nesse sentido, selecionamos como exemplo o repositório da revista *Pour l'Ère Nouvelle*. Concluímos que a utilização dessas ferramentas tecnológicas tem sido de grande relevância para a área das Humanidades, sobretudo, pela influência sobre a produção historiográfica que, por sua vez, deriva dos diferentes olhares, perspectivas e fazeres constituídos por meio do acesso virtual.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Educação, Humanidades Digitais, Fontes Históricas, Historiografia.

## DIGITAL HISTORY AND THE HISTORIAN'S LABOR: WAYS TO BE AND TO DO IN THE REPOSITORY OF THE *POUR L'ÈRE NOUVELLE* MAGAZINE

### ABSTRACT

The horizon of this research is to understand the historian's labor of working with digitized historical sources and digital repositories. The investigation is situated at the intersection of the fields of History of Education and Digital History, producing reflections on the main transformations and challenges faced, both in the production of knowledge and in the investigative practice of historical science. The discussion is theoretically and methodologically supported in the literature on digitized historical sources (Chartier, 2002; Brasil & Nascimento, 2020), as well as in authors who

deal with the importance of the creation and maintenance of digital repositories (Bica, Rodrigues & Gervasio, 2019; Andrade, 2017). In this sense, we have selected the repository of the magazine *Pour l'Ère Nouvelle* as an example. We have concluded that the use of these technological tools has been of great relevance for the Humanities area, above all, due to the influence on the historiographical production that, in turn, derives from the different views, perspectives and actions constituted through the virtual access.

**KEYWORDS:** History of Education, Digital Humanities, Historical Sources, Historiography.



## 1 INTRODUÇÃO

A discussão em torno do uso de ferramentas digitais no campo das humanidades tem sido imprescindível, principalmente, no atual contexto pandêmico enfrentado mundialmente<sup>1</sup>. Diante da impossibilidade de acesso aos arquivos físicos de instituições de guarda, sempre que possível, pesquisadores têm recorrido aos repositórios digitais com o objetivo de garantir a continuidade de suas investigações e estudos.

As novas formas de pesquisa têm impactado fortemente a produção de conhecimento histórico no tempo presente, assim como exercem fortes influências nos fazeres dos pesquisadores, que há décadas vêm sendo transformados no contato com as novas tecnologias. Nesse sentido, este artigo situa-se no entrecruzamento dos campos da História da Educação e da História Digital, com o intuito de pensar sobre as implicações no fazer do historiador a partir do trabalho com fontes históricas digitalizadas e repositórios digitais.

As ideias aqui escritas foram fomentadas a partir da participação na disciplina “Artes de Produzir Sentidos para o Passado: acervos e fontes em História da Educação”, ofertada na modalidade remota, pela professora Diana Gonçalves Vidal, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)<sup>2</sup> - Universidade de São Paulo (USP). Nos diálogos com o referencial teórico trabalhado durante todo o período do curso, refletimos em relação aos modos de se produzir história a partir dos distintos formatos de acervos e fontes. Destacamos, ainda, as problematizações referentes ao campo da História Digital, à luz de autores como Paul Ricoeur (2007), Pierre Mounier (2018), De Certeau (1982), Chartier (2002), Lucchesi (2014), dentre outros que contribuíram para as reflexões que orientaram a construção deste texto.

O Acesso à *internet*, bem como aos recursos e dispositivos digitais apresentam aos pesquisadores da educação uma série de possibilidades, ao mesmo tempo em que também impõem certos limites e desafios. Na atualidade, as fontes nascidas digitais já são uma realidade e carecem de maiores discussões e análises, uma vez que impactam diretamente nos formatos de pesquisas desenvolvidos na área, assim como no trabalho dos profissionais dedicados a este campo de estudo.

Ao lidarmos com as inovações existentes na pesquisa e produção historiográfica, faz-se necessária a compreensão acerca das operações que incidem sobre as fontes empíricas. De acordo com a pesquisadora Maria Stephanou (2002, p. 69):

Há todo um complexo jogo envolvido na localização e seleção que operou-se sobre as fontes empíricas, no registro que delas se fez, no privilegiamento para inclusão ou exclusão de informações, enfim, na priorização de determinados conjuntos documentais e temáticos em relação a tantos outros possíveis. Há seleção, exclusão e ordenamento no próprio ato de coletar fontes transformando-as em dados históricos.

---

<sup>1</sup> Devido à pandemia do Sars-Cov-2 foi recomendada pela Organização Mundial de Saúde/OMS a realização de isolamento social, para evitar a transmissão do vírus em larga escala. Mediante a eleição do que seriam serviços essenciais, setores como o da educação desenvolveram suas atividades de ensino e pesquisa em formato remoto *online*.

<sup>2</sup> O Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – IEB/USP é um centro multidisciplinar de pesquisas e história da cultura nacional. Criado por Sérgio Buarque de Holanda, em 1962, possui um vasto acervo documental que tem contribuído para a produção de conhecimento nos mais diversos campos científicos. Atualmente encontra-se sob a direção da professora Diana Gonçalves Vidal.



Quanto aos desdobramentos causados por essas mudanças, a pesquisadora Anita Lucchesi (2014) destaca o fato de que novos objetos estão emergindo para o estudo da história. Ao citar o historiador britânico Keith Jenkins, afirma que “o passado que ‘conhecemos’ [...] é sempre condicionado por nossas próprias visões, nosso próprio ‘presente’”<sup>3</sup>. Alerta ainda, que não é possível nos desprendermos do tempo presente, quando nos destinamos a perscrutar o passado. Uma vez que estamos imbricados com o uso de inúmeros dispositivos tecnológicos e que estes fazem parte da maioria de nossas atividades cotidianas, percebemos também as influências de tais recursos nas ações do nosso fazer investigativo.

A humanidade encontra-se na transição da cultura alfabética para a cultura digital, de modo que a forma como apresentamos as informações está se modificando. Além disso, a chegada dessas tecnologias foi acompanhada de um movimento de virtualização que provocou significativa distensão das noções de tempo e espaço. Fatores que de diferentes maneiras atravessam elementos chave para os profissionais da História: o tempo, o espaço e o dado (Lucchesi, 2014, p. 03).

Ao escrever sobre a operação historiográfica, Michel de Certeau (1982, p. 77) afirmou que “cada sociedade pensa historicamente com os instrumentos que lhe são próprios”. Nesse sentido compreendemos que, assim como os arquivos físicos, os repositórios digitais necessitam ser pensados na complexidade de suas estruturas, desde os aspectos de organização e disponibilização de materiais até as ferramentas utilizadas para a exploração de seu acervo.

Chartier (2002, p. 105), por seu turno, reflete que “as telas do nosso século são, de fato, de um novo tipo. Diferentemente das do cinema ou da televisão, trazem textos – não somente textos, é evidente, mas também textos”. Nos debruçaremos, portanto, na análise do repositório digital da Revista suíça *Pour l'Ère Nouvelle*, a fim de fazermos uso deste exemplo de possibilidades e desafios no trabalho com fontes digitalizadas. Trataremos, neste caso específico, do repositório francês que provavelmente não seria de fácil acesso aos pesquisadores e estudantes que se dedicam a discorrer a respeito de temas relacionados às influências das correntes de pensamento estrangeiras na construção da educação nacional.

Ao escrevermos sobre este tema, desejamos pensar acerca de suas contribuições à pesquisa científica, na possibilidade de “encurtamento de distâncias” e fácil acesso a determinados materiais, no entanto, não nos eximimos de ponderar os riscos que se apresentam, como a fragilidade de apagamento de arquivos e domínios da internet na era digital. Problematizamos como as novas configurações dos acervos virtuais representam mudanças na própria ciência histórica, no tocante aos aspectos de disposição, materialidade, autenticidade de documentos, dentre outros pontos que se apresentam enquanto relevantes ao nos dedicarmos à temática em questão.

Para tanto, o texto está organizado em três seções, tratando inicialmente do ofício do historiador, quanto às mudanças e permanências nos modos de produção historiográfica e implicações causadas pela realidade de trabalho com a história digital. Em seguida, são abordadas especificamente as discussões sobre fontes históricas digitalizadas e os repositórios digitais, dentre seus benefícios e complexidades. Por fim apresentamos os mecanismos de utilização e as especificidades de organização e acesso no repositório virtual da revista *Pour l'Ère Nouvelle*.

---

<sup>3</sup> Grifos da autora.



## 2 O OFÍCIO DO HISTORIADOR

Ao passo que modificam-se os modos de apreensão do passado, o fazer do historiador também passa por transformações. Sobre este aspecto, nos remetemos às mudanças em torno dos espaços/suportes das fontes com os quais este profissional opera, que vão desde o armazenamento, a materialidade e formas de acesso/leitura de um documento histórico, até as discussões epistemológicas contemporâneas, que lidam com as mudanças e permanências em termos de método.

Le Goff (2012, p. 516), ao apontar a necessidade histórica de ampliação da concepção de documento, afirma que “o novo documento é armazenado e manejado em bancos de dados. Ele exige uma nova erudição”, que seja capaz de transferi-lo do campo da memória para o campo da ciência histórica. Nesse sentido, ao discutir a história enquanto ciência, destaca o papel do historiador e faz referência à declaração de Marc Bloch, quando discutiu sobre a diversidade infindável dos testemunhos históricos. “Tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (Febvre apud Le Goff, 2012, p. 109).

Quais maneiras de ser e fazer têm sido alteradas no fazer do historiador diante das novas alternativas de salvaguarda, disponibilização e usos das fontes históricas digitalizadas? O que permanece na essência de suas práticas? O que é acrescentado e/ou modificado? Diante destas e outras reflexões, nos dedicamos a analisar os modos de ser e fazer do pesquisador dedicado à História da Educação, no trato com repositórios digitais. De acordo com Almeida (2011, p. 01) “durante séculos, a historiografia baseou suas regras de validação de fontes e metodologia de análise em um suporte documental específico: o papel”. No entanto, a *internet* inaugura uma nova categoria de fontes para a pesquisa histórica, o que resulta na exigência de um novo rigor metodológico para o trabalho com estes novos tipos de fontes.

A gama de documentos históricos produzidos/veiculados no formato virtual e *online* amplia a diversidade de olhares, perspectivas e construção de narrativas sobre um mesmo fato. No entanto, é necessário ao profissional manter o olhar crítico ao pensar nas limitações apresentadas pela disponibilização nesse formato. De acordo com Razzini (2008, p. 148) “as mídias digitais fornecem filtros para as informações que buscamos, mas quem propõe as buscas, faz a filtragem e cruzamento de dados e atribui significados a eles é o pesquisador”.

No movimento de revisão da literatura evidenciamos a atualidade do pensamento do historiador francês Marc Bloch (2001), visto que em suas reflexões a História não se resume à ciência do passado, mas do estudo do homem e suas ações em seu tempo. Quanto às mudanças estabelecidas, dialogamos com Vidal (2002, p. 61) a fim de entender que:

[...] o que se coloca em pauta é perceber o digital como uma nova materialidade que acarreta mudanças no corpo, nas relações pessoais, temporais e espaciais, e nos modos de ler e produzir significados (ainda tendo a certeza de que não podemos antecipar todas as repercussões futuras de seu uso). E compreender que a existência das novas tecnologias não determina que antigos procedimentos sejam abandonados. Organização, catalogação, descarte são operações necessárias até mesmo para a indexação de informações no meio digital.

Ainda que o profissional lide com as variações incorporadas ao campo e produção de conhecimento, conserva-se o rigor metodológico nos processos de observação, crítica e análise, seja o método aplicado em fontes nascidas digitais, que passaram por procedimentos de



digitalização ou mesmo as físicas. Outro aspecto que merece relevo é o fato de que ao mesmo tempo em que o historiador lida com maior acessibilidade nos repositórios digitais, os modos de consulta instaurados nos repositórios podem dificultar ou ocultar materiais, e informações determinantes para a realização do estudo.

As estruturas rígidas, com base em indexadores ou descritores, por vezes inadequadamente aplicados para classificar e distribuir a ordenação dos conjuntos documentais, não raras vezes nos impedem de acessar fontes valiosas às problemáticas de pesquisa que formulamos (Stephanou, 2002, p. 67).

Nas tramas do universo digital, a partir do momento em que a rede de buscas se torna mais ampla, o olhar do historiador também se expande e complexifica. Um exemplo é a realização de uma busca através dos critérios cronológico, geográfico ou onomástico<sup>4</sup>. Ao passo em que são oferecidas as possibilidades de recortes temporais, por título da fonte, local de produção ou ainda por nomes dos sujeitos ou grupos examinados, no último caso, observa-se o dilema de que o pesquisador pode ser conduzido a sujeitos homônimos, ou com fragmentos idênticos de nome ou sobrenome, o que exige maior refinamento e conhecimento para descarte do que não diz respeito ao que se deseja encontrar.

Assim como o historiador deve manter-se atento para estes riscos, também pode estar aberto às surpresas que o universo digital o reserva. As buscas podem conduzi-lo num caminho de ampliação das problemáticas, visto que

[...] o meio digital permite exercitar intersecções intra e entre fontes, associações laterais e enlaces múltiplos, produzindo redes de significações e dinâmicas que possam demonstrar discontinuidades, silêncios, exclusões e inclusões. Isso nos remete a visibilizar as fontes como vias de acesso a uma rede muito mais ampla e complexa de material de referência que podemos explorar, extrapolando a idéia de documentos individuais (Stephanou, 2002, p. 74).

Além das questões próprias ao campo epistemológico e de formação do historiador, destacamos que a atuação deste profissional no ambiente da *cibercultura* é primordial para a investigação em torno da história do tempo presente. Diariamente, em instituições escolares estudantes têm acesso a informações advindas de fontes sem o devido respaldo para discussão do tema, ou mesmo com a intenção de disseminação de falsas notícias em função de adesão e ganho de capital político para determinados grupos.

A função social da educação é perpassada pela responsabilidade para com a sociedade que construímos. Nesse sentido, a alternativa de trabalho com materiais digitalizados torna-se acessível, visto que as fontes localizadas em repositórios digitais estão a um *click*, nas mãos daqueles que as buscam. Mais do que o simples acesso a um material ou conteúdo, a experiência de pesquisa nos respectivos suportes, medeiam à criação de uma atitude historiadora e investigativa, o que só tem a contribuir para a formação da consciência histórico-crítica dos indivíduos.

<sup>4</sup> O método onomástico deriva de uma proposta do historiador italiano Carlo Ginzburg, que consiste na utilização do nome como fio condutor da investigação.



### 3 FONTES HISTÓRICAS DIGITALIZADAS E REPOSITÓRIOS DIGITAIS

Num mundo em que a tecnologia avança a todo o momento, cada vez mais tem sido possível conhecer diferentes maneiras e ferramentas de trabalho com a historicidade. Diferente de uma época em que as pesquisas realizadas pelos historiadores demandavam estrita necessidade de locomoção aos arquivos e manuseio dos documentos físicos, hoje nos deparamos com outras possibilidades do trabalho historiográfico. Dentre eles: o uso de materiais digitalizados. Para Andrade (2017, p. 272) “cambiando entre as formas impressas e virtuais, as fontes históricas se veem obrigadas a ampliar suas concepções, passando a considerar a era digital como espaço promotor de história e eventos”.

Diferente daquelas que já nascem a partir dos usos que fazemos da *internet* ou mesmo de *softwares* e *hardwares*, as fontes históricas digitalizadas – livros, documentos oficiais, cartas, jornais, revistas, manuscritos, fotografias etc. – demandam um tratamento diferenciado. Dentre outros aspectos, Brasil e Nascimento (2020, p. 201) sinalizam para o cuidado que se deve ter ao digitalizar o documento de modo que a cópia seja verdadeira e o mais “fidedigna ao original” possível, pois “qualquer tipo de erro, negligência ou até mesmo má-fé no processo computacional pertinente à digitalização será determinante no trabalho historiográfico”. Esse processo tecnológico, de mudança, interfere significativamente não só no formato do documento, que deixa de ser físico e passa a ser digital, mas, principalmente, no processo de leitura e interpretação do historiador. O que Brasil e Nascimento (2020) chamam atenção, neste caso, é para os cuidados operacionais do processo de digitalização para que, por exemplo, informações não sejam cortadas, rasuradas, entre outros, o que pode comprometer tanto a visualização da fonte quanto os diálogos que podem ser feitos pelos pesquisadores da história.

Apesar de esse processo poder ser considerado como um “facilitador” para o trabalho de pesquisa – uma vez que o acesso é possível sem que sequer tenhamos de nos deslocar de nossa própria casa –, é importante atentar que ainda assim há a necessidade, se possível, do contato direto e pessoal com a fonte. Uma vez que o manuseio da forma física tem suas implicações e subjetividades que interferem no fazer e na compreensão do pesquisador<sup>5</sup>. O estudo de Razzini (2008, p. 147), por sua vez, atenta para uma outra possibilidade de uso dessa ferramenta, ao afirmar que: “esta primeira aproximação e garimpagem podem ajudar a encontrar mais rapidamente (e em número maior) os dados procurados”.

Ainda assim, dentre tantas outras ocasiões, o uso dessa e de outras ferramentas digitais pode ser considerado como uma possível “solução”, em casos como o que vivemos nesse momento, por exemplo. Considerando o cenário mundial da pandemia do Sars-Cov-2, que temos enfrentado desde março e que fez com que todos os estabelecimentos de pesquisa fossem fechados por tempo indeterminado, são não só o trabalho de digitalização e distribuição dos materiais por parte dos arquivistas de diversas instituições, mas também os acervos e repositórios *online*, que têm contribuído para continuar o trabalho dos pesquisadores. Diversos espaços de guarda têm se valido da digitalização e envio dos documentos pelo menos até que as atividades sejam retomadas e os locais reabertos ao público.

<sup>5</sup> Nesse sentido, para Brasil e Nascimento (2020, p. 201) esse processo de “[...] rematerialização envolve o desaparecimento parcial ou total de uma gama de propriedades organolépticas (a cor, o brilho, a luz, o odor, a textura, a maciez, o som, o sabor etc.) que, de fato, podem ser determinantes na descrição de determinadas fontes históricas”.



Segundo Arellano (2004, p. 15) “a natureza dos documentos digitais está permitindo ampla produção e disseminação de informação no mundo atual”. O autor destaca também que é importante priorizarmos e atentarmos para a “aplicação de estratégias de preservação” desses documentos como forma de “garantia de acesso, confiabilidade e integridade dos documentos a longo prazo”. Nesse sentido, a criação de um espaço de guarda digital se torna fundamental. Ainda assim, muitos são os contratemplos e adversidades encontrados, considerando a necessidade de financiamento e disponibilidade de pessoal para realizar o trabalho.

No intuito de preservar a documentação, reduzir distâncias, ampliar o acesso, dar visibilidade ao que está sendo, ou mesmo que já foi, produzido pelos sujeitos e até contribuir para a produção do conhecimento são criados acervos e repositórios digitais. Cabe aqui destacar qual a diferença entre eles. Basicamente, acervo seria a “reunião” das fontes e documentos e repositório o “local” onde elas podem ser localizadas. Bica, Rodrigues e Gervasio (2019, p. 02) afirmam que “repositórios digitais são bases de dados online que reúnem, de maneira organizada, a produção científica de uma instituição ou área temática”.

Existem diferentes tipos de repositórios, dentre eles podemos citar os que estão ligados a instituições acadêmicas<sup>6</sup>. São esses espaços que

Englobam a produção científica de determinada instituição, mais comumente institutos de pesquisa e universidades. Hospedam geralmente uma coleção de documentos de pesquisa (pré-prints e pós-prints), embora possam incluir relatórios técnicos, manuscritos, dados, vídeos e imagens, além de conter dados administrativos de apoio à instituição, como arquivo local de documentação, teses, dissertações, livros e outros (Boso, 2011, p. 34).

Ribeiro Junior e Zucatto (2014, p. 6) ainda sinalizam que podemos considerar esses espaços como repositórios digitais quando eles atendem as seguintes características:

- 1- Ser uma versão completa da obra e todos os materiais suplementares, incluindo uma cópia da licença, depositada com o material;
- 2- Publicada com padrões tecnológicos aderentes a normas técnicas de preservação digital (como as definições estabelecidas pelo modelo Open Archives e o modelo OAIS);
- 3- Mantido por uma instituição acadêmica, sociedade científica, organismo governamental, setor privado, ou outra organização estabelecida que pretenda promover o acesso, a distribuição, a interoperabilidade e o arquivamento em longo prazo.

No Brasil podemos localizar grupos de pesquisa, instituições e outros espaços que realizam esse trabalho com repositórios digitais. Para ficarmos em alguns exemplos, é possível citar: a Brasileira Digital<sup>7</sup>, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)<sup>8</sup>, a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional<sup>9</sup> e o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP)<sup>10</sup>. Vale destacar que em alguns

<sup>6</sup> Boso (2011) cita, pelo menos, três categorias: repositórios temáticos ou disciplinares, de teses e dissertações e os institucionais. A escolha por tratar especialmente dos repositórios ligados a instituições acadêmicas se deve a proximidade com o trabalho que estamos realizando e com o repositório que selecionamos.

<sup>7</sup> Recuperado de <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1>

<sup>8</sup> Recuperado de <https://cpdoc.fgv.br/>

<sup>9</sup> Recuperado de <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<sup>10</sup> Recuperado de <http://www.ieb.usp.br/>



desses repositórios não localizamos apenas as investigações desenvolvidas por pesquisadores da instituição na qual estão ligados, mas, uma gama de documentos e fontes históricas do Brasil e do exterior, como é o caso, por exemplo, da Hemeroteca Digital.

Nesse sentido, a partir da incursão sobre as discussões acerca das relações entre os trabalhos realizados pelo Movimento Escola Nova europeu, em especial de alguns educadores suíços, e suas influências nos empreendimentos reformistas da educação brasileira do início do século XX, além dos estudos que temos realizado em nossas pesquisas, selecionamos o repositório da Revista *Pour l'Ère Nouvelle* para ser aqui trabalhado. Apesar de alguns autores já tratarem de aspectos da materialidade dessa revista, indicar possíveis caminhos para análise e reflexão do trabalho historiográfico a partir do uso desse repositório é algo que inauguramos com a escrita deste texto.

#### 4 O REPOSITÓRIO DA REVISTA *POUR L'ÈRE NOUVELLE*

Órgão francófono de divulgação dos trabalhos desenvolvidos pela *Ligue Internationale d'Éducation Nouvelle* (LIEN) e pelo *Bureau International d'Éducation Nouvelle* (BIEN), a revista *Pour l'Ère Nouvelle* (PEN) tinha como um dos principais objetivos estabelecer um elo entre os educadores que aderissem ao Movimento Escola Nova. Adolphe Ferrière<sup>11</sup> foi o fundador, editor e principal redator. Muitos dos artigos que constam nos números da PEN são de sua autoria. De acordo com Haenggelli-Jenni (2011), a revista se constituiu como um meio de dar visibilidade a rede estabelecida pelo educador suíço, publicando suas experiências e permitindo trocas diretas entre os considerados “pioneiros” da Nova Educação. Marta Carvalho (2007, p. 283) sinaliza que ele foi “figura extremamente atuante, publicando artigos, divulgando seus livros, resenhando uma enorme quantidade de publicações e reaparecendo nas páginas da revista através das inúmeras associações internacionais de que foi o mentor e o presidente”.

Começou a ser publicada em janeiro de 1922, inicialmente de forma trimestral, com quatro números por ano. A partir de 1924 passou a ser bimestral, contando com seis edições. E em 1927, com o grande aumento do número de assinantes (Carvalho, 2007), deu-se seu lançamento de forma mensal, chegando a dez publicações anuais. Assim permaneceu até 1939. No ano seguinte, 1940, foi publicado apenas um número, pois a revista teve suas atividades interrompidas devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial. Em 1946 os editores tentaram retomá-la e publicam mais quatro números, mas no ano seguinte, 1947, já sem tanta força lançaram apenas uma primeira edição e assim foram encerradas as publicações da PEN.

Contou com a participação de artigos escritos por sujeitos muito conhecidos no campo da educação, como, por exemplo, Ovide Decroly, Edouard Claparède, Célestin Freinet e Maria Montessori, dentre outros. Cabe destacar que Adolphe Ferrière também escreveu a respeito da educação brasileira e além de mencionar os trabalhos desenvolvidos por Carneiro Leão, Laura Lacombe e Lourenço Filho, traduziu e publicou artigos escritos por Fernando de Azevedo e Deodato de Moraes. Além do próprio Ferrière, outros educadores trataram de suas experiências e de assuntos considerados importantes na época, como a coeducação dos sexos, o movimento

<sup>11</sup> Adolphe Ferrière (1889-1960) foi um dos mais importantes difusores do Movimento Escola Nova europeu. Colaborou na criação do *Intitut Jean-Jacques Rousseau*, do *Bureau International d'Éducation Nouvelle* e da *Ligue Internationale d'Éducation Nouvelle*. Também realizou inúmeras viagens pelo mundo e conheceu de perto os trabalhos que estavam sendo realizados em vários países acerca das idéias escolanovistas.



reformador das Escolas Novas em diversos países, educação no campo, formação social da criança, formação de “novos” professores, cinema educativo, ensinos primário e secundário etc.

Os originais da PEN podem ser localizados na Biblioteca Nacional de Paris, no Instituto Nacional de Pesquisa Educacional, em Lyon, ou nos Arquivos do *Institut Jean-Jacques Rousseau* (AIJJR), em Genebra. Segundo consta no repositório da PEN<sup>12</sup> – como parte do site da *Université de Caen Normandie* (UNICAEN) –, onde estão disponíveis os exemplares virtuais da revista, no ano de 2002, por ocasião do 80º aniversário de criação da PEN, ocorreu o projeto de digitalização da mesma. A partir da coleção pessoal do professor Gaston Mialaret<sup>13</sup> foram disponibilizadas cerca de 70% das obras e o restante ficou sob responsabilidade do AIJJR. O repositório foi criado por Henri Peyronie, em colaboração com Christine Seux e Ronald Minot. As informações antes mencionadas podem ser localizadas na página inicial do *site* (Figura 1).

Nesse momento uma especial questão nos chama atenção pela relação com as implicações do ofício do historiador – este que terá de fazer diversas adequações aos usos desses instrumentos digitais – aqui já sinalizadas: a escrita em língua estrangeira (francês) tanto do repositório quanto da própria revista. Embora tenhamos ciência de que esse foi um trabalho realizado por um grupo francês e que se trata de um periódico suíço, ao pensarmos nas possíveis “vantagens” que esse acesso nos permite também nos deparamos com essa necessidade do conhecimento do idioma. Ao utilizarmos o navegador *Google Chrome* temos uma ferramenta de tradução simultânea, o que momentaneamente auxilia na incursão pelo *site*<sup>14</sup>. Mas, ao tentarmos localizar algum material por palavras-chave, por exemplo, devemos utilizar sempre a língua francesa para que haja algum resultado. Sendo assim, ainda que com as possibilidades apresentadas, é possível sinalizar a importância do leitor ter, minimamente, conhecimento de francês para que possa fazer melhor uso tanto do repositório quanto do documento.

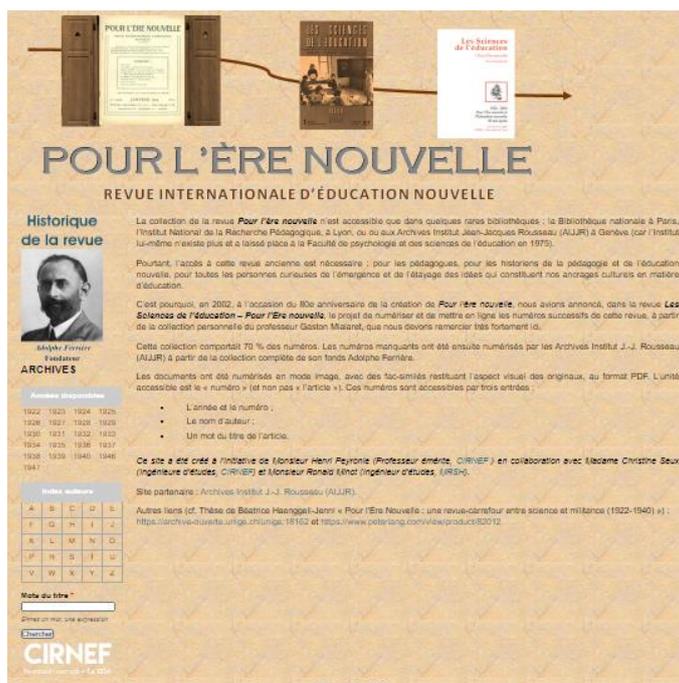


Figura 1: Página inicial do repositório da revista *Pour l'Ère Nouvelle*.

<sup>12</sup> Recuperado de <http://www.unicaen.fr/recherche/mrsh/pen>

<sup>13</sup> Gaston Mialaret (1918-2016) foi um pedagogo francês. Professor da *Université de Caen Normandie*.

<sup>14</sup> Ferramenta que possivelmente não seja encontrada em outros navegadores.

Logo no topo da página é possível localizar imagens tanto da capa da PEN quanto da Revista *Les Sciences de l'Éducation*, assim como o título da revista. No corpo, está disponível um pequeno histórico do trabalho de digitalização realizado pelos professores responsáveis por esse projeto. Os Arquivos do *Institut Jean-Jacques Rousseau* aparecem como *site* parceiro do repositório, o que permite aos usuários outras possibilidades de pesquisas. Também é possível encontrar a tese de doutorado de Béatrice Haenggelli-Jenni (2011), intitulada “*Pour l'Ère Nouvelle: une revue-carrefour entre science et militance (1922-1940)*”, que pode ser considerada como uma referência pelos pesquisadores que desejam conhecer aspectos da história da PEN. O texto introdutório também informa que, digitalizados em formato imagem e disponíveis em PDF, os números da PEN podem ser acessados a partir de três diferentes entradas: ano e número, nome do autor ou palavra do título do artigo.

No canto esquerdo da tela é possível visualizar um *link* que dá acesso a “História da Revista”, que direciona o leitor para o artigo do professor emérito Henri Peyronie, intitulado “*Introduction aux articles de Daniel Hameline ET de Gaston Mialaret sur l'histoire de la revue Pour l'Ère Nouvelle*”<sup>15</sup>. Além da foto e nome de seu fundador, Adolphe Ferrière. Logo abaixo é possível localizar os “anos disponíveis”, o “índice de autores” e “palavras do título”.

Os “anos disponíveis” (1922-1940 e 1946-1947), quando clicados, redirecionam o leitor para os números publicados naquele respectivo ano. Como exemplo, selecionamos o primeiro ano de publicação, 1922, onde constam os números 1 a 4 da PEN (Figura 2).

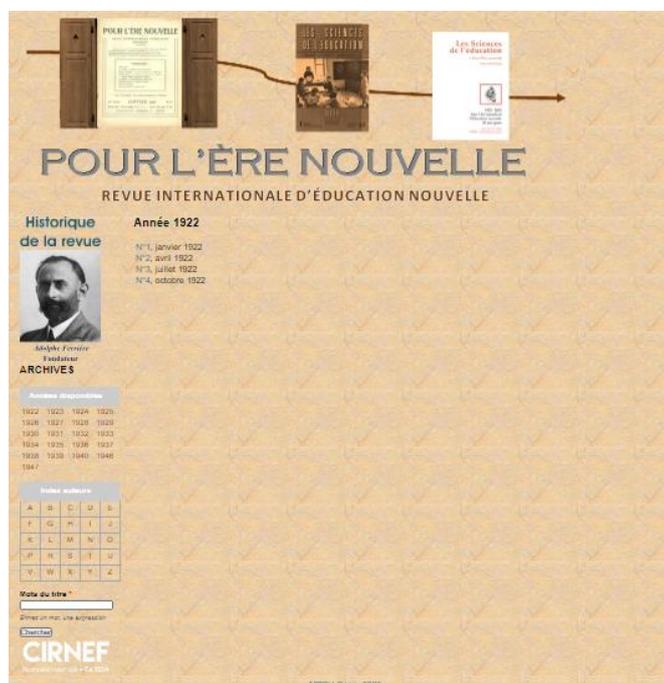


Figura 2: Página da localização por ano.

Em seguida há uma outra possibilidade de localização: “índice de autores”. Nessa entrada estão disponíveis as letras do alfabeto que, quando clicadas, redirecionam diretamente para sobrenomes dos autores. Como exemplo, selecionamos a letra A, a partir da qual podemos localizar autores cujo sobrenome começam com essa letra (Figura 3).

<sup>15</sup> Recuperado de <http://www.unicaen.fr/recherche/mrsh/sites/all/modules/ereNouvelle/pdf/histoRevue.pdf>



Figura 3: Página da localização por letra/nome.

Uma outra possibilidade, também a partir dessa mesma entrada, é a localização dos textos escritos pelo respectivo autor. Quando clicamos em um determinado nome, logo somos redirecionados para os números das revistas que o mencionam. Vale destacar que nessa entrada não é possível localizar o nome de todos os autores. Se procurarmos, por exemplo, pelos nomes dos brasileiros não os encontramos, somente ao mapearmos os sumários<sup>16</sup>. Única exceção é o da educadora Laura Lacombe, que aproveitamos para selecionar como exemplo (Figura 4).



Figura 4: Página da localização dos números clicando no nome.

<sup>16</sup> Nesse momento os nomes aparecem como links e redirecionam o leitor para os trabalhos escritos por aquele autor.

Por fim, encontramos uma busca por “palavras do título”. Ao selecionarmos uma palavra ou expressão somos redirecionados para os possíveis títulos que constem. Como exemplo selecionamos a palavra “Brésil” e, em seguida, foram localizadas três publicações (Figura 5).

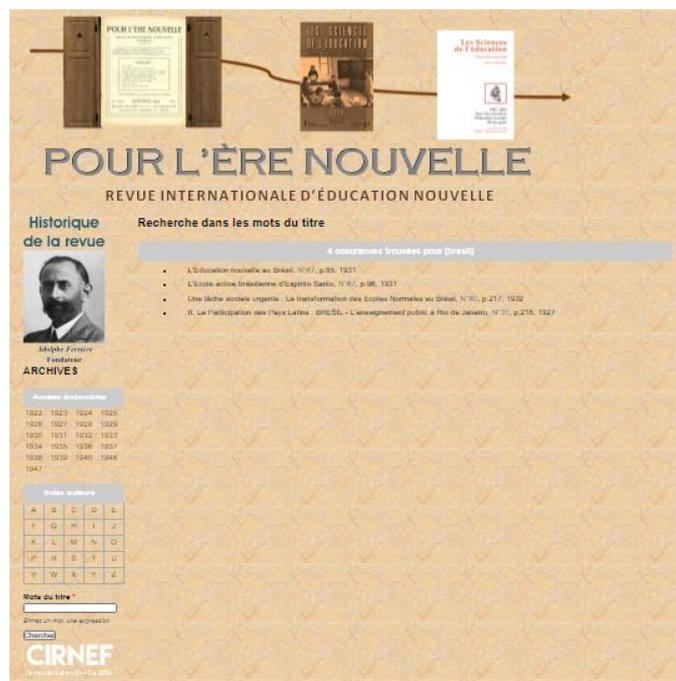


Figura 5: Página da localização por palavras que constam nos títulos.

Todas essas possíveis entradas levam o leitor a localizar os números da revista. Ao clicarmos, encontramos o sumário, com os títulos e as páginas, além dos nomes dos autores que também estão disponíveis como *links* (Figura 6). Esses, quando clicados, redirecionam para os artigos escritos pelo autor em questão, como já mencionado. Ao selecionarmos o número das edições da PEN, também já conseguimos localizar o arquivo em formato PDF.

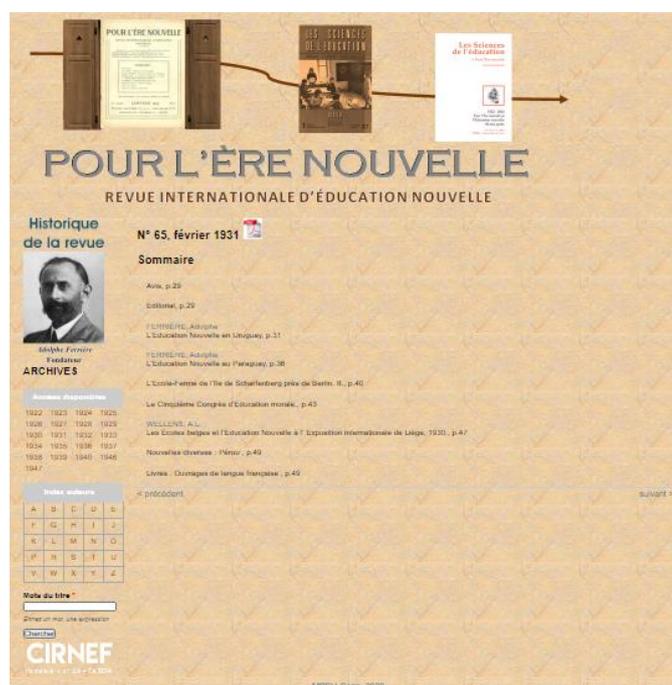


Figura 6: Página da do sumário do número 65 da PEN.

Outros *links* que também podem ser localizados na página inicial do repositório da PEN, são os *sites* do *Centre Interdisciplinaire de Recherche Normand en Education et Formation*<sup>17</sup> – CIRNEF e da *Maison de la Recherche em Sciences Humaines*<sup>18</sup> – MRSH, ambos ligados à UNICAEN. Apesar de não haver informações específicas sobre essas ligações, acreditamos que sejam formas de dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos por alguns setores da universidade francesa financiadora desse projeto.

Como já mencionado por Bica et al. (2019), a criação e manutenção de um repositório digital tem inúmeras finalidades e, dentre elas, a circulação de determinadas fontes, como é o caso aqui mencionado para as pesquisas históricas. Podemos perceber, assim, que esse trabalho possibilita não só a nós, como a vários outros pesquisadores não apenas a proximidade com o referido material, como os caminhos que podem ser utilizados para a coleta de dados.

Destacamos que o contato com fontes históricas de distintas localidades abre margem para a releitura e reinterpretação de determinadas situações e movimentos disseminados através dos impressos nacionais. A produção historiográfica brasileira decorre das fontes materiais e imateriais às quais temos acesso em nosso território, portanto, com essa possibilidade de consulta virtual a outras instituições, repositórios e seus respectivos acervos permitem que alguns aspectos possam ser ainda mais problematizados e/ou revistos a partir do surgimento de novas informações e dados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência no trabalho com o repositório da revista suíça *Pour l'Ère Nouvelle* nos permitiu desenvolver reflexões diversas e paradoxais no decorrer da escrita deste texto. Ao nos dedicarmos ao estudo das problemáticas relativas aos campos da História da Educação e da História Digital, nos deparamos com distintos olhares direcionados a um mesmo fenômeno. Ao compreendermos os impactos que os usos de ferramentas digitais possuem na atuação dos historiadores, observamos como a História sofre implicações, seja nas novas maneiras de ler, escrever, ou mesmo no que diz respeito às técnicas intelectuais requeridas pelo novo campo de atuação e produção da ciência histórica.

Na vanguarda da discussão, há mais de vinte anos, Roger Chartier (1999) aponta para os devidos cuidados com os arquivos e seus acervos materiais. Embora descreva que a biblioteca eletrônica não possui muros, entendendo-a como a promessa do futuro, não invisibilizou a biblioteca material, no cumprimento de sua função de preservação da cultura escrita. Consideramos que esta é uma discussão fundamental, dada a fragilidade dos materiais produzidos e/ou armazenados digitalmente, o que recai em nossa responsabilidade histórica de preservação do passado, do que produzimos e de quem somos. O armazenamento digital também gera custos e o imperativo de investimentos na salvaguarda dos documentos físicos não cessa em razão da existência do formato virtual.

Ambos os formatos versam sobre as sociedades que os produziram, constituindo-se, também, em objetos de profícuas investigações e análises. Em realidade, os modos de ser e fazer são mais complementares que excludentes. Consideramos que os objetos culturais, sejam estes impressos ou digitais, acessados por vias de texto físico, na tela de um celular, computador, ou

<sup>17</sup> Recuperado de <http://cirnef.normandie-univ.fr/>

<sup>18</sup> Recuperado de <http://www.unicaen.fr/recherche/mrsh/>



*tablet*, devem ser tornados cada vez mais acessíveis garantindo que o conteúdo circule na sociedade, assegurando a preservação da memória e a produção de conhecimento nos mais diversos espaços.

## 6 REFERÊNCIAS

- Almeida, F. C. (2011). O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS*, 3(8), 9-30.
- Andrade, V. G. (2017). A experiência de criação de um Repositório Digital como fonte de pesquisa para História da Educação de Bananeiras. *Revista de História e Historiografia da Educação*, 1(2), 266-284.
- Arellano, M. A. (2004). Preservação de documentos digitais. *Ciência da Informação*, 33(2), 15-27.
- Bica, A. C., Rodrigues, T. M. & Gervasio, S. C. M. (2019). Tatu Magazine: os modos de ser e fazer do Repositório Digital Tatu. *Revista História da Educação*, 23, 1-18.
- Bloch, M. (2001). A história, os homens e o tempo. In M. Bloch, *Apologia da História ou O ofício do Historiador* (pp. 51-68). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Boso, A. K. (2011). *Repositórios de instituições federais de ensino superior e suas políticas: análise sob o aspecto das fontes informais* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95776/296890.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Brasil, E. & Nascimento, L. F. (2020). História Digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, 33(69), 196-219.
- Carvalho, M. M. C. (2007). A bordo do navio, lendo notícias do Brasil: o relato de viagem de Adolpho Ferrière. In A. C. V. Mignot & J. G. Gondra (Orgs.), *Viagens Pedagógicas* (1a ed., pp. 277-293). São Paulo: Cortez.
- Chartier, R. (1999). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: IMESP/Ed - UNESP.
- Chartier, R. (2002). Morte ou transfiguração do leitor? In R. Chartier (Org.), *Os desafios da escrita* (pp. 101-124). São Paulo: Ed. UNESP.
- De Certeau, M. (1982). Fazer história. In M. De Certeau (Org.), *A escrita da história* (pp. 31-64). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Haenggelli-Jenni, B. (2011). *Pour l'Ère Nouvelle : une revue-carrefour entre science et militance (1922-1940)* (Tese de Doutorado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Genebra, Genebra, Suíça. Recuperado de <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:18162>



- Le Goff, J. (2012). *História e memória*. São Paulo: Editora da Unicamp.
- Lucchesi, A. (2014). Por um debate sobre História e Historiografia Digital. *Boletim Historiar*, (2), 45-57.
- Mounier, P. (2018). Les humanités numériques. Une histoire critique. *Communication*, 37(2), 1-15.
- Razzini, M. P. G. (2008). Acervos e pesquisas em História da Educação: das vitrines do progresso aos desafios da conservação digital. *Revista História da Educação*, 12(25), 131-151.
- Ribeiro Junior, D. I. & Zucatto, A. C. P. (2014). Bibliotecas e Repositórios Digitais: reflexões, tecnologias e aplicações. *Anais do XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias*, 18. Recuperado de <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/638-2179.pdf>.
- Ricoeur, P. (2007). Fase documental: a memória arquivada. In P. Ricoeur (Org.), *A memória, a história, o esquecimento* (pp. 155-192). Campinas: Editora da UNICAMP.
- Stephanou, M. (2002). Banco de dados em história da educação. *Revista de História da Educação*. 6(11), 65-76.
- Université de Caen Normandie (2002). *Pour l'Ère Nouvelle* [Repositório Digital]. Recuperado de <http://www.unicaen.fr/recherche/mrsh/pen>
- Vidal, D. G. (2002). O livro e a biblioteca, o documento e o arquivo na era digital. *História da Educação*, 6(11), 53-64.

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Pires, R. L., & Amorim, S. R. M. (2021). História digital e o ofício do historiador: Modos de ser e fazer no repositório da revista *Pour l'ère nouvelle*. *Holos*. 37(8), 1-16.

#### SOBRE OS AUTORES,

##### R. L. PIRES

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Participa do Laboratório de Pesquisa e Ensino em História da Educação (LPEHE). Pedagoga formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [rlopes.pires@gmail.com](mailto:rlopes.pires@gmail.com)  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0588-1615>

##### S. R. M. AMORIM

Professora Adjunta do Departamento de Educação e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com Estágio Doutoral na Universidad de Alcalá de Henares. Líder do Núcleo de Pesquisa em Educação (NUPED-CNPq).  
E-mail: [saraamorim@uern.br](mailto:saraamorim@uern.br)  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2845-674X>



**Editor(a) Responsável:** Francinaide Nascimento

**Pareceristas *Ad Hoc*:** Flávio Santos e Rosenilson da Silva Santos

